

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA/MS**

Samuel da Silva Fernandes

INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO: lembranças de um sujeito homossexual de
Paranaíba (1950-1970).

PARANAÍBA - MS
2015

Samuel da Silva Fernandes

INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO: lembranças de um sujeito homossexual de Paranaíba (1950-1970).

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes

PARANAÍBA - MS
2015

F411i Fernandes, Samuel da Silva

Infância e escolarização: lembranças de um sujeito homossexual de Paranaíba (1950 – 1970). / Samuel da Silva Fernandes. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2015.

45f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. História. 2. Educação. 3. Homossexualidade. I. Fernandes, Samuel da Silva. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 370.19

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

SAMUEL DA SILVA FERNANDES

INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO: lembranças de um sujeito homossexual de Paranaíba (1950-1970).

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes (Orientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. José Antônio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Me. Jémerson Quirino de Almeida
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Ao depoente senhor Mario Silmo Borges, por sua
contribuição à pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, pois és o motivo e a razão da minha existência, que me concedeu fé, força, perseverança e saúde para concluir este trabalho.

A toda minha família que esteve sempre presente em meus estudos e me incentivou a nunca desistir, minha querida mãe Neuza Maria da Silva Fernandes, Isaias Fernandes, meu pai, meu irmão Tiago da Silva Fernandes, minha cunhada Mônica Pereira da Silva Fernandes e, em especial minha tia (*in memoriam*) Gení Aparecida dos Santos que amo tanto e foi um grande exemplo de vida para mim, jamais será esquecida.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes, por ser meu professor desde o ensino médio e na graduação, também por acreditar em mim, e a me incentivar sempre com seus conselhos, elogios, opiniões e suas críticas construtivas na elaboração deste estudo. Numa relação, de “amor e ódio”, ou seja, normal entre o orientador e orientando, enfim, o meu orientador é uma pessoa que admiro e considero muito, me espelho nele para a continuidade dos meus estudos.

Ao senhor Mario, que foi a pessoa crucial para este trabalho.

Aos amigos de sala, Élide, Rute, Zuleica, André, Marcos, Micheli, Graciely, Débora, Viviane, Laura que sempre me ajudaram nesta jornada e, aos demais colegas da sala, que estarão em minhas lembranças.

A todos os professores que me acompanharam nesta caminhada, os que contribuíram com a minha formação acadêmica num conhecimento de ensino/aprendizagem. Em especial, aos professores, Maria Silvia Rosa Santana, Leni Aparecida Souto Miziara, Doracina Aparecida de Castro Araújo, Estela Natalina Mantovoni Bertolletti, Lucélia Tavares Guimarães, Gabriela Massuia Motta, Lígia Carvalho, Ademilson Batista Paes e Jemerson Quirino de Almeida, pela dedicação com esta universidade e a todos envolvidos.

Aos funcionários da UEMS, Sheila, Marcia, Sandra, Rosimar, Suzy, Junior e Lena por suas disposições e paciência no atendimento durante o curso.

As minhas colegas do PIBID, Suelen, Denise, Débora, Graciely, Gleiby e Jordevânia. Em especial à Profa. Dra. Milka Helena Carrilho Slavez que é a coordenadora do projeto, que juntos descobrimos o sentido de lecionar.

Dedico este estudo aos meus amigos de trabalho, Aninha, Alessandra, Lucinda, Tais, Renata, Claudinha, Elisvaldo, Meire, Copal, Júlio e Marcell que compartilharam da minha ansiedade, angústia, medo, transição e nervosismo no decorrer desta graduação. Nos momentos de alegria, aflição, brincadeiras e divertimentos estiveram sempre ao meu lado no incentivo para a conclusão deste curso. Vocês fazem parte desta minha conquista.

A escola é um espaço de construção de novas práticas sociais e saberes compartilhados. A vida escolar não se resume à socialização formal de crianças e adolescentes, pois é também uma experiência potencial de revisão e crítica de práticas sociais injustas e discriminatórias [...]. (Lionço Tatiana, Diniz Debora, 2008).

RESUMO

O presente texto tem como objetivo principal refletir sobre a infância e a escolarização de um sujeito homossexual de Paranaíba. Tivemos como o recorte cronológico a década de 1950 por ser o ano de nascimento do entrevistado e 1970 pelo surgimento dos movimentos gays no Brasil. Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário utilizar a metodologia da História Oral e as contribuições de pesquisadores da história cultural, como Albert (2011), Freitas (2006), Pollak (1989) e outros. Também realizamos levantamentos bibliográfico sobre o tema de pesquisa. Como resultado de pesquisa refletimos sobre a infância e a escolarização de um homossexual naturalizado em Paranaíba (MS).

Palavras-chave: História. Educação. Homossexualidade.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on childhood and schooling a gay guy Paranaíba. We like the chronological cut the 1950s for being the year of birth of the respondent and 1970s by the emergence of the gay movement in Brazil. For the development of research was necessary to use the methodology of Oral History and the contributions of researchers of cultural history, as Albert (2011), Freitas (2006), Pollak (1989) and others. We also conducted literature surveys on the subject of research. As research results reflect on childhood and schooling of a homosexual naturalized in Paranaíba (MS).

Keywords: History. Education. Homosexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA.....	14
1.1. História oral e história: Notas introdutórias ideias.....	14
1.2. Do que partiu a usar a metodologia da História oral.....	15
1.3. Definições, histórias e procedimentos.....	16
1.4. As possibilidades e o tratamento de pesquisa da fonte oral.....	18
1.5. A preparação das entrevistas.....	19
1.6. A elaboração do roteiro ou pesquisa.....	21
1.7. Procedimento pós-entrevistas: transcrições e ética.....	23
1.8. Memórias em história oral.....	24
2 SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE: HISTÓRIA E TRATAMENTOS DENTRO E FORA DA ESCOLA.....	28
2.1. Movimento homossexual no Brasil: notas introdutórias.....	28
2.2. Revisitando as pesquisas em educação sobre a história da homossexualidade (1960/1970)	29
2.3. Revisitando as pesquisas sobre a homossexualidade relacionado à educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)	30
2.4. O primeiro ato à sexualidade.....	30
2.5. A discussão sobre a homossexualidade no âmbito escolar.....	31
2.6. Os direitos dos homossexuais devem ser respeitados.....	34
3 INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO: RELATOS DE VIDA DO SENHOR MARIO.....	37
3.1. História e lembranças da infância e da escolarização.....	37
3.2. Minha família.....	37
3.3. Minha escolarização.....	37
3.4. Minha infância.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO A. Carta de Solicitação.....	44
ANEXO B. Termo de Cessão Gratuita de Direito Sobre Depoimento Oral e Imagem.....	45

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, objetivou-se relatar como foi a infância e escolarização de um homossexual do município de Paranaíba, o último - vivo - da década de 1950. Utilizamos a metodologia da História Oral para coletar a história de vida do depoente.

Observamos que não foi uma tarefa fácil, pois necessitou-se de tempo, disposição e paciência de ambas partes para concluir as entrevistas. Gravar os depoimentos, transcrever o que fora relatado e depois analisá-los foi sem dúvida, a parte mais difícil do trabalho. Muitas vezes o horário marcado com o entrevistado não era consolidado, pois havia outro compromisso, mas enfim, conseguimos finalizar as entrevistas. O entrevistado estava sempre disposto e à vontade ao relatar sobre suas memórias, de tudo aquilo o que lhe foi perguntado, foi um excelente anfitrião e contribuiu muito para o resultado deste texto.

Percebemos que não há muitos trabalhos relacionados à história da educação dos homossexuais no estado de Mato Grosso do Sul e nem no país. Fizemos várias buscas na Capes e no acervo da biblioteca da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), mas obtivemos poucos resultados. Notamos que ao falar sobre este assunto ainda requer muitos cuidados, pois em pleno o século XXI existem tabus e preconceitos relacionados à homossexualidade. Ao fazermos esta pesquisa, ficou bem claro que os homossexuais são perseguidos e sofrem com esses preconceitos. Alguns colegas de classe, ao saber que estava pesquisando sobre a vida de um homossexual, questionaram de minha sexualidade, por meio de brincadeiras e comentários inadequados a meu respeito. Mas isto não me abalou, o que realmente me preocupa é que esses colegas serão futuros professores e educarão as nossas crianças; tomara que mudem os seus conceitos.

Neste sentido, fizemos uma breve reflexão acerca do texto da autora Corrêa (2007), que vem discutir sobre “A homossexualidade no âmbito escolar”. Verificamos que estes assuntos referidos a sexualidade e homossexualidade não são discutidos em salas de aulas, pois muitos educadores em sua formação não tiveram disciplinas relacionadas à diversidade, outros professores não se procuram ter uma formação continuada para adquirirem mais conhecimentos a respeito. Mas também não podemos julgar os professores, pois os próprios pais ou responsáveis pelas crianças também são responsáveis para contribuir com a educação de seus filhos. A maioria dos profissionais da educação as vezes tem o receio ao tocar em temáticas relevantes com seus alunos,

pois os alunos podem fazer perguntas que estes professores não saibam responder. Por isso, é de extrema importância que na formação dos educadores haja disciplinas, debates e assuntos que venham tratar sobre a diversidade sexual, cultural, racial e outros. Mas, sempre será necessário que os professores continuem estudando sobre essas temáticas para ficarem atentos e antenados a esses assuntos do cotidiano e que cobrem e participem na elaboração do “Projeto Político Pedagógico” de cada escola inserindo neste currículo esses temas relacionados a diversidade.

Foi por meio de conversas com os amigos e alguns levantamentos feitos na biblioteca da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, que me despertou a curiosidade de saber sobre a vida dos homossexuais. Nessa oportunidade pude observar que há poucos autores que se direcionam a esse tema de pesquisa. Corrêa (2007) intensificou o seu trabalho no esclarecimento sobre a homossexualidade no âmbito escolar. Nesse sentido, Costa (2008) defende-se que a escola é o campo fértil e ideal para se dar orientação sexual, pois esses assuntos são pouco discutidos e pesquisados. Por ser religioso, tenho o conceito bíblico a respeito da homossexualidade, mas convivo com familiares, amigos e colegas que são homossexuais e poucos partilham de suas experiências vividas.

Com esses poucos e raros conceitos que tenho sobre a homossexualidade, surgiu a ideia de saber um pouco mais sobre a infância e a escolarização dessas pessoas, foi quando percebi a vontade de estudar sobre a vida dos homossexuais que sofrem com a homofobia e seus preconceitos. Com isto tenho que realizar a crítica do conceito já construído, e adquirir outros conhecimentos estudados por pesquisadores que escrevem sobre esse tema. Para isso acontecer foi necessário ouvir os depoimentos de um homossexual, e a metodologia usado para esse tipo de pesquisa é a da História Oral.

A infância da criança pode ser traumatizada pelo seu educador no âmbito escolar, pois os professores, ao observarem que alguns de seus alunos brincam somente com as meninas, falam ou deduzem que esses alunos têm um jeito afeminado. Com isto, os professores “fazem diagnóstico” formado aos pais que estes alunos estão doentes, pois a homossexualidade para alguns professores está relacionada a uma doença. Deste modo, busco saber como se deu a infância e escolarização de alunos que hoje são homossexuais e como eles se sentiam ao falar sobre a sua própria sexualidade dentro da escola.

Para saber se esses homossexuais sofreram com a homofobia, resolvi pesquisar sobre a infância e escolarização de homossexuais na década de 1960, pois

pude notar que no município de Paranaíba há um homossexual, que pode contribuir e relatar como foi a sua infância e a escolarização. Assim, o primeiro capítulo vem abordar sobre a metodologia História oral e seus procedimentos, onde esclarece como é desenvolvido e usado este método. No segundo capítulo, fizemos algumas buscas no banco de dados da capes e no acervo da biblioteca da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba para ter o conhecimento de quantos trabalhos foram realizados relacionados ao tema de história da educação de homossexuais, assim obtivemos alguns resultados que foram discutidos neste capítulo. O terceiro capítulo, vem relatar a transcrição das entrevistas realizadas com o Senhor Mário sobre a sua infância e escolarização.

1 HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA.

1. 1. História e História oral: suas concepções.

Nas décadas de 1970 e 1980 a oralidade não era considerada como fonte histórica acreditava-se que os depoimentos ou, história de vida das pessoas eram subjetivas, que desvalorizavam os relatos e não favoreciam a construção do passado. Mais tarde, após a década de 1980, a concepção sobre a História oral começa a mudar. Os historiadores observaram que as fontes orais são mais exatas para pesquisarem os grupos sociais, família, etnias e as histórias de vida. Notavam neles, o grande interesse a esses temas abordados. Assim, Verena Alberti em seu texto *História dentro da História* (2011), assevera que “[...] Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico [...]” (p. 163).

De acordo com a autora, a subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento por meio da concepção de fontes. Atualmente a sociedade passa por diversas transformações, a qual está conectada num mundo virtual, em que as maneiras de comunicação e locomoção mudaram.

Há vários tipos de registros como as músicas, filmes, obras de arte, fotografias e tantas outras que podem ser consideradas como fontes para o estudo da história. Mas, a História oral especificamente preocupa com os diferentes grupos existentes.

[...] A História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vidas e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisas nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado. (ALBERTI, 2011, p. 164)

A História oral é um dos únicos caminhos que podem ser empregado e para colher fontes que relatam as histórias de vidas de grupos sociais que se encontram dispersos, separados pela desigualdade, preconceito, etnia e outros. Esses grupos podem ser classificados como pessoas não importantes para a sociedade burguesa, grupos que não são ouvidos, que são marginalizados, esquecidos e excluídos por uma sociedade a qual se diz superiores as outras. Esses grupos esquecidos e ignorados pela sociedade,

podem ser relacionados aos mendigos, encarcerados, religiosos, homossexuais e outros. Em que a História Oral quer dar voz múltiplos grupos de pessoas.

1. 2. Do que partiu a usar a metodologia da História oral.

A metodologia partiu de estudos bibliográficos, seguidos da elaboração de um roteiro norteador para realizar as entrevistas com um homossexual residente no município de Paranaíba/MS, sobre a história de sua infância e escolarização. Definiu-se uma entrevista com roteiro para possibilitar uma reflexão sobre história de vida do sujeito pesquisado neste município. Desta forma foi usada a metodologia da História Oral que se define em uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas. Sendo fundamental a participação de pessoas que viveram ou testemunharam acontecimentos do passado, e hoje possam registrar estes fatos que foram esquecidos. Conforme Freitas (2006), em seu livro *História Oral: possibilidade e procedimento*,

O debate sobre a História Oral possibilita reflexões sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas. A História Oral utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento. Sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais. (FREITAS, 2006, p. 15)

A metodologia em História Oral tem como objetivo pesquisar a história de vida, neste tipo de pesquisa o entrevistado relata sobre o seu próprio passado em sua infância, lembrando os acontecimentos positivos e negativos que ficaram marcados na sua memória. Para as pessoas entrevistadas às vezes voltar ao passado é uma tarefa árdua ainda mais se forem lembrar fatos ocorridos que traga, alguma forma, sentimentos como dor, revolta, medo, tristeza, angústia e outros. Por conta disso, algumas pessoas entrevistadas se reprimem e esquecem, ou não querem relatar algo que aconteceu. Por isso, durante as entrevistas, o pesquisador deve pensar nas perguntas apresentadas, ou seja,

[...] devem ser sempre neutras e nunca devemos colocar nossa opinião ou fazermos qualquer julgamento. Tampouco, devemos demonstrar não estarmos acreditando nas palavras do depoente, mesmo quando percebemos que o seu discurso não é natural e verdadeiro. O entrevistador deve saber respeitar a lógica e o ritmo de cada entrevistado. Muitas vezes, as pessoas, ao buscarem sua memória, acabam refletindo sobre o próprio passado,

emocionando-se. Devemos saber respeitar as lágrimas e os momentos de emoção que se apresentam durante a entrevista. Às vezes, o silêncio é eloqüente e pode tornar-se um forte elemento na interpretação da entrevista. (FREITAS, 2006, p. 93)

Para o colhimento dessas informações será necessário usar o gravador e o roteiro com perguntas formuladas e abertas para encaminhar, direcionar a entrevista. O gravador é o objeto fundamental para registrar os depoimentos de cada entrevistado, para descrever o que os entrevistados relataram, em várias vezes pude ouvir as vozes indagadas por sentimentos em cada depoimento. Esse tipo de material deixa o entrevistado muito mais à vontade e tranquilo para que possa relatar as suas vivências, depois de ouvir as falas dos depoimentos gravados, este objeto serviu para registrá-los no papel. Para a elaboração dos eixos, elencamos da entrevista, infância, escolarização e família. Essas e outras questões nortearam toda a entrevista sem perder o foco, elas foram fundamentadas, observadas e anexadas no decorrer deste trabalho. Sendo de suma importância todo o registro desses depoimentos.

A pesquisa de maneira alguma pode perder seu foco, por isso que é de extrema importância ter sempre em mãos um caderno com o roteiro de perguntas. A entrevista teve como principal fonte a história de vida do entrevistado e suas experiências escolares na infância.

Antes que o pesquisador faça suas entrevistas, é obrigatório que ele explique o objetivo da pesquisa ao seu entrevistado e o que quer alcançar com os resultados. Ao saber sobre a importância da pesquisa, o entrevistado se estiver de acordo com as propostas do entrevistador, é necessário que ele tenha o conhecimento de todas as perguntas que foram formuladas para que, depois possa ser assinada e publicada. Encaminhar uma entrevista não é fácil requer muita atenção e disponibilidade de tempo, quando o pesquisador faz as suas perguntas ao seu entrevistado é necessário que ele seja simples e direto.

1. 3. Definições, histórias e procedimentos.

A pesquisa em História oral tem como objetivo criar fontes históricas, por sua finalidade a História Oral é uma metodologia de pesquisa que utiliza o registro e a entrevista com experiência humana. A história de vida e a História oral temática são

alguns dos gêneros mais utilizados em História oral, em que na história de vida se faz a reconstituição do passado, já na História oral temática a entrevista é realizada por um grupo de pessoas, sobre um tema específico. A história oral é uma metodologia de pesquisa, ela consiste em realizar entrevistas. Em que é fundamental a participação de pessoas que viveram ou testemunharam acontecimentos do passado, e hoje possam registrar estes fatos que foram esquecidos.

A História oral é conhecida como uma metodologia de pesquisa que realiza entrevistas com o auxílio do gravador. O pesquisador escolhe as pessoas ou o indivíduo a serem entrevistadas, essas pessoas entrevistadas relatam ao mesmo tempo acontecimentos do seu passado e presente.

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século xx, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2011, p. 155)

As entrevistas seguem com roteiros ou perguntas para nortear, mas o entrevistado deve-se sentir livre para relatar os acontecimentos marcantes de sua vida. Assim, o pesquisador dirigirá a sua pesquisa sem sair de sua temática. O pesquisador da história oral deve considerar a fonte em tudo, as entrevistas são feitas de um projeto de pesquisa que determina com quantas pessoas devem entrevistar e quais são elas, que tipo de pergunta o pesquisador deve fazer e qual será o destino desta pesquisa. Para o colhimento das informações é preciso que o pesquisador use alguns materiais como: gravador, vídeo, questionários, fotografias ou documentos.

Além das entrevistas de História Oral, outros registros sonoros [...], fotografias caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, objetos de artesanato, obras de arte e de arquitetura são possíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para estudo da história. (ALBERTI, 2011, p. 164)

Muitos pesquisadores preferem gravar as falas, em vez de escrevê-las, porque gravando é um jeito fácil para depois transcrever tudo o que o entrevistado relata, porém se o pesquisador for escrever, pode perder muitas falas. Este tipo de pesquisa é trabalhoso, requer muito tempo, pois o pesquisador tem que gravar transcrever, revisar e depois analisar o que foi dito pelo entrevistado. É muito importante o pesquisador ser transparente e honesto, ao editar somente o que foi falado durante a entrevista e jamais manipular as informações contidas.

A História oral consiste em colher relatos de vida com os objetivos específicos, essas entrevistas são gravadas em áudio ou em um vídeo. Esta metodologia possibilita aos grupos de pessoas que são excluídos pela sociedade a serem ouvidas e registradas as suas histórias de vidas para os futuros pesquisadores, em que poderão ter o acesso a esses documentos arquivados. Mas jamais devemos equivocar ao pensar que o documento registrado é uma história, pois essa fonte necessita indispensavelmente de ser analisada.

[...] Para Alcançar esse objetivo, foi considerado mais apropriado realizar entrevistas de história de vida, que se estendem por várias sessões e acompanham a vida do entrevistado desde a infância, aprofundando-se em temas específicos relacionados aos objetivos da pesquisa [...]. (ALBERTI, 2011, p. 161)

Realizar várias entrevistas ao longo da pesquisa torna-se necessário, porque o entrevistado relata a sua história de vida, e isto requer muito tempo. O entrevistador conduz a sua entrevista de acordo com os seus objetivos ou com a temática da pesquisa, a pessoa pesquisada relata sobre a sua vida desde a infância, possivelmente o entrevistado não lembra ou recorda de seus principais acontecimentos em apenas uma única entrevista. Por isso, é fundamental o pesquisador ter várias sessões e acompanhamentos com o entrevistado. A história de vida é a que se destaca, pois é aqui que incluímos a trajetória desde a infância até o momento da pesquisa, ao deixar o entrevistado discorrer sobre os diversos acontecimentos que vivenciou no passado em uma temática, ou seja, sua trajetória. Sem esquecer-se do principal objetivo do trabalho, mas para que isso possa acontecer é necessário que o pesquisador tenha conhecimento do objeto pesquisado, com isto o pesquisador terá o resultado alcançado.

1. 4. As possibilidades e o tratamento de pesquisa da fonte oral.

Preparar, fundamentar e concluir uma pesquisa em fontes orais é um trabalho cansativo, exaustivo e requer muito tempo e disposição. O pesquisador deve ter em mãos o objeto de sua pesquisa, para que no decorrer de seu projeto ele possa garantir o resultado almejado.

Um dos primeiros passos na preparação da pesquisa é elaborar a entrevista, ter em mãos o roteiro com as perguntas chaves para o direcionamento do projeto. Os

entrevistados escolhidos devem estar de acordo e conscientizados com os objetivos da pesquisa. Após colher os depoimentos, o entrevistador transcreve, revisa e analisa as suas gravações.

O primeiro passo a ser dado é elaborar um projeto, definido o tema e os propósitos da pesquisa. Ao se eleger um tema, é importante que seja relevante para as questões históricas mais amplas. Sendo um método por excelência voltado para informação viva, a História Oral abarca o período contemporâneo da História. Portanto, após a definição do tema, há que se definir o nome das pessoas a serem entrevistadas. A relação de nomes nunca é definida, pois, muitas vezes, um depoente leva-nos a descoberta de outros; algumas vezes, a pessoa eleita pode declinar do nosso convite. Nessa modalidade de trabalho, corremos o risco de gravar memórias confusas e debilitadas, pois na velhice pode ocorrer nas pessoas o fenômeno da senilidade com perda ou descontrole da memória. (FREITAS, 2006, p. 85)

O pesquisador ao usar a metodologia da História oral tem a consciência que seus entrevistados podem desistir de relatarem a sua história de vida. Muitas das vezes, essas interrupções podem ocorrer por causa das pessoas escolhidas a darem os depoimentos serem idosas. Assim, por natureza ou alguns fatos trágicos podem acatar com o falecimento das mesmas, pode também acontecer algum outro imprevisto que possam determinar o cancelamento ou a continuação das entrevistas.

Uma pesquisa que emprega a metodologia da História oral é muito dispendiosa. Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros. Como em geral um projeto de pesquisa em História oral pressupõe a realização de várias entrevistas, o tempo e os recursos necessários são bastante expressivos. Por essa razão, é bom ter claro que a opção pela História oral responde apenas a determinadas questões e não é solução para todos os problemas. (ALBERTI, 2011, p. 165)

Conforme a autora, o pesquisador ao usar a metodologia da História oral tem a consciência que este tipo de trabalho disponibiliza de tempo e muita dedicação, pois para a pesquisa ter o acesso as suas fontes orais precisará de recursos financeiros. A História oral não é um método para resolver todos os problemas, mas que corresponde apenas a determinadas questões, tais entrevistas revelam fatos ocultos e desconhecidos ao trazer novas ideias de assuntos não estudados.

1. 5. A preparação das entrevistas.

Ao iniciar um projeto de pesquisa a pessoa que está à frente deste trabalho deve conhecer antes o seu campo estudado. O pesquisador quando elabora o seu projeto tem o conhecimento de quantas pessoas, ou quais pessoas, serão selecionadas para a sua fonte oral do tema escolhido. Às vezes os entrevistados escolhidos não podem contribuir com as entrevistas por medo, vergonha, inibição e até mesmo preconceitos. Por isso, para não haver problemas desse tipo com os entrevistados, é de suma importância conhecer bem sobre o assunto do projeto e também as pessoas as quais foram escolhidas para serem entrevistadas.

No projeto de pesquisa, convém listar os nomes dos possíveis entrevistados com uma breve biografia que justifique sua escolha de acordo com os objetivos de estudo. Neste primeiro momento, trata-se apenas dos entrevistados em potencial, pois não se sabe ainda ao certo se poderão participar do projeto. É preciso ter claro que a listagem inicial será permanentemente revista, pois um dos possíveis entrevistados pode não querer ou dar entrevistas, nomes antes não considerados podem surgir, ou ainda determinada entrevista pode ficar aquém das expectativas, sendo necessária nova seleção. Por isso, apenas ao final da pesquisa ter-se-á a lista definitiva de entrevistados daquele projeto. (ALBERTI, 2011, p. 172)

Assim, podemos observar que é muito difícil saber a quantidade exata de pessoas na realização da pesquisa. De acordo com a autora, é durante o processo da pesquisa que os pesquisadores têm o conhecimento de quantas pessoas entrevistadas será necessário para colherem os depoimentos para suprir o projeto. Isso causa um processo muito cansativo e exaustivo para o pesquisador, mas cabe a ele realizar um projeto bom e satisfatório.

A preparação das entrevistas de História oral inclui, pois, uma pesquisa exaustiva sobre o tema e sobre a vida dos entrevistados, a sistematização dos dados levantados e a definição clara dos problemas que se está buscando responder com a pesquisa. Essa preparação dá ao entrevistador segurança no momento de realização da entrevista, pois ele saberá bem o que e como perguntar, e poderá reconhecer respostas insatisfatórias e identificar 'ganchos' relevantes para a formulação de novas perguntas. (ALBERTI, 2011, p. 177)

Essa preparação se dá por meio da segurança do entrevistador. Desse modo, durante a entrevista o pesquisador pode ajudar o entrevistado a relembrar fatos que foram esquecidos no passado, principalmente se for solicitado. As pessoas entrevistadas podem esquecer datas especiais ou nomes de lugares importantes para contribuir com a pesquisa. Ao participar da entrevista, o entrevistador tem que manter o cuidado de não

interferir na fala do depoente, pois desta maneira estará colocando a sua opinião diretamente em determinado assunto, e acaba a não respeitar a fala do entrevistado. A entrevista é uma relação entre duas pessoas totalmente diferentes, nas questões de idades, culturas e experiências vividas. Mas que ambos contribuíram para a elaboração das entrevistas.

As questões colocadas devem ser sempre neutras e nunca devemos colocar nossa posição ou fazermos qualquer julgamento. Tampouco, devemos demonstrar não estarmos acreditando nas palavras do depoente, mesmo quando percebermos que o seu discurso não é natural e verdadeiro. O entrevistador deve saber respeitar a lógica e o ritmo de cada entrevistado. Muitas vezes, as pessoas, ao buscarem a sua memória, acabam refletindo sobre o seu próprio passado, emocionando-se. Devemos saber respeitar as lágrimas e os momentos de emoção que se apresentam durante a entrevista. Às vezes, o silêncio é eloquente e pode tornar-se um forte elemento na interpretação da entrevista. (FREITAS, 2006, p. 95)

Jamais devemos julgar qualquer questão colocada pelo depoente, devemos sempre ser neutros no momento de suas falas. Nunca podemos nos equivocar, ao comunicar para o entrevistado que ele possa estar mentindo em seu depoimento e que seu discurso não é verídico. As emoções apresentadas durante as entrevistas com os entrevistados, podem expressar vários sentimentos em que eles viveram em determinados momentos de suas vidas. Às vezes, o silêncio dos entrevistados nas entrevistas diz muitas coisas para o pesquisador, cabe a ele o entendimento e a interpretação deste momento.

1. 6. A elaboração do roteiro ou pesquisa.

Ao definir o tema de pesquisa, devemos também elaborar um roteiro para poder dar o início ao projeto de pesquisa. O roteiro servirá para direcionar as entrevistas, assim o pesquisador irá conduzir o seu trabalho, com perguntas importantes e fundamentais para colaborar com as informações dadas pelo depoente.

A função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar, com relação ao tema investigado, os assuntos tratados pelo entrevistado. Por essa razão, é bom organizar os dados de forma típica, para facilitar sua visualização no momento da gravação. O roteiro não é um questionário, e sim uma orientação aberta e flexível. Quando a entrevista se estende por mais de uma sessão, convém elaborar roteiros parciais com base nos roteiros individuais; eles permitem a avaliação da sessão anterior e o estabelecimento de estratégias e diretrizes para a sessão seguinte. (ALBERTI, 2011, p. 177)

Assim, a autora afirma que o roteiro é um auxílio para o entrevistador, por meio do roteiro ele saberá localizar e se situar no tempo. Os dados devem ser organizados para melhor visualização nos momentos gravados, não podemos confundir o roteiro com os questionários. Diferente do questionário, o roteiro é uma base a ser seguida que encaminhará a entrevista.

O roteiro servirá também para ajudar as pessoas entrevistadas que não sabem se expressar oralmente ou aquelas que não são muito falantes. Elaborar roteiros faz com que enriqueça os documentos para a pesquisa, e sempre o roteiro terá o tratamento temático, nunca se deve sair ou perder o foco do projeto de pesquisa, ou seja, seu tema. Algumas vezes, o entrevistado pode acrescentar algo muito importante e necessário que não estava no roteiro, mas que vão enriquecer muito o trabalho, por isso, o pesquisador deve manter o que foi relatado.

Deve-se evitar o fornecimento do roteiro ao depoente antes da entrevista. É comum pessoas socialmente importantes - ou seus assessores - nos pedirem previamente a pauta ou roteiro. Forneça-a somente se esta for a condição da realização da entrevista, pois o contato prévio induzirá o depoente a elaborar respostas, tirando a espontaneidade da fala. Além disso, ele poderá ficar angustiado e nervoso pelo fato de não se lembrar das respostas premeditadas. (FREITAS, 2006, p. 90)

O roteiro não pode ser entregue antes das entrevistas para os depoentes, para não ocorrer frustrações. Muitas das vezes, eles não sabem ou esquecem as respostas, isso faz com que se sentem constrangidos e angustiados. Devemos fornecer o roteiro somente no caso do entrevistador tiver colocado esta condição. Às vezes, as perguntas colocadas pelo pesquisador induzem os depoentes a responderem palavras simples e fechadas como “sim” e “não”, o entrevistador deve ser específico em suas perguntas para que isso não aconteça.

As perguntas devem ser colocadas da forma mais simples, direta e natural possível. Isso não é fácil de se fazer durante a entrevista. A improvisação tende a nos levar à confusão. Por isso, a elaboração das perguntas deve ser feita junto com a confecção do roteiro. Indubitavelmente, uma melhor relação entre entrevistado e entrevistador será estabelecida se este último estiver bem familiarizado com as perguntas e com o assunto. Se a formulação da pergunta é feita de forma complicada, o entrevistador pode se embaraçar na apresentação da mesma, ou o depoente não entendê-la. (FREITAS, 2006, p. 94)

As perguntas devem ser fáceis e naturais para que alcance o objetivo, isso jamais poderá ser feito durante as entrevistas, as perguntas geradas na hora da entrevista podem trazer confusões. É necessário elaborar as perguntas juntamente com o roteiro, para depois serem aplicadas ao depoente.

1.7. Procedimentos pós-entrevistas: transcrições e ética.

Após ter gravado os depoimentos das entrevistas em História oral, em primeira instância será preciso e necessário ser feito as transcrições desses relatos dos depoentes na íntegra. Isso requer muito tempo e cuidado com o material que será transcrito. São comuns nos depoimentos erros de concordância verbal e vícios de linguagens. Mas, tudo isso será corrigido nas transcrições pelo pesquisador.

A primeira dela é a realização da transcrição na íntegra das entrevistas gravadas e, em seguida, a leitura e conferência do material. Após a digitação, o texto deve ser enviado ao depoente para correção de nomes próprios, termos técnicos e, quando necessário, complementação de frases. Alertamos nossos depoentes da necessidade e a espontaneidade das entrevistas, pois um discurso escrito elaborado torna a entrevista oral sem função. É nossa preocupação ser o mais fiel possível ao que foi gravado, dando mais importância ao conteúdo e menos à forma, entendida como estilo. Isto não significa que deixamos de retirar das transcrições as redundâncias e vícios de linguagem, em comum acordo com os depoentes. Apesar do alerta, cheguei a receber transcrição com mais de 50% de seu conteúdo alterado. (FREITAS, 2006, p. 98)

A correção é feita logo após a leitura e a digitação e, são retirados na transcrição os erros gramaticais mais comuns em uma gravação oral. Desta maneira, o texto corrigido é enviado ao entrevistado para que possa estar de acordo com que foi escrito após a correção. Ao publicar a entrevista é necessária a correção desses erros, e manter a ética com a pessoa entrevistada, jamais manipular o registro adquirido durante as entrevistas, às gravações deve ser a original e arquivada, tudo documentando. Todos esses procedimentos requerem muito tempo, e isso, se torna cansativo.

Após a revisão final do texto, o entrevistado deve assinar um termo de doação do depoimento, seja à instituição, onde o projeto foi desenvolvido, seja ao entrevistador, em se tratando de pesquisa individual. Nesse termo, deverão constar possibilidades e restrições à consulta, que também vão ser definidas pelo doador. Dessa maneira, o pesquisador estará evitando possíveis problemas futuros com os descendentes e herdeiros do depoente. (FREITAS, 2006, p. 98)

Para não criar futuros problemas com familiares do depoente, ao final da transcrição, antes de publicar o projeto de pesquisa é preciso que o entrevistado assine um documento concordando com as informações cedidas pelo mesmo. Desta maneira, este termo assinado por ambos, dará condições legais para que o pesquisador possa concluir o seu projeto sem nenhum equívoco.

1. 8. Memórias em história oral.

A memória representa uma instalação de lembranças ofuscadas e fragmentadas pelo esquecimento, em que as pessoas recorrem por meio de lugares, objetos, fotos, vídeos, cartas e espaço. Conforme o autor Pierre Nora, em seu texto “Entre memória e História: A problemática dos lugares” (1993, p. 9) discorre que:

[...] A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessíveis, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; [...] a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto [...].

A memória é a vida que permite a evolução, em que a lembrança e o esquecimento são dialéticos, com grandes chances de ser manipulados. Nora (1993), afirma que a lembrança é o alimento da memória quer parte das particularidades e símbolos sensíveis a transferência ou projeção. A memória está enraizada na imagem, no gesto, no lugar, nos objetos, ou seja, no concreto.

A memória pode ser estudada no individual e também no coletivo. Neste sentido de estudar as memórias coletivas, o autor Michael Pollak em seu trabalho “Memória, esquecimento, silêncio” (1989, p. 7) discorre:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos,

igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis.

Estudar as memórias coletivas que implica em fazer uma análise de sua função em acontecimentos para interpretar o passado com o objetivo de salvar e guardar sentimentos de grupos sociais, que servirá para manter o equilíbrio de grupos e de instituições que organiza a sociedade.

Ao falarmos sobre estudarem as memórias coletivas, refere-se que a memória é algo sobrevivente às crises e conflitos entre grupos sociais ou em instituições de uma sociedade, em que muitas das vezes desaparecem, mas que a memória sempre ficará marcada por meio de sentimentos. Assim essas marcas que ficaram nas memórias do passado tornam-se evidentes num presente futuro. Mas, este estudo se dará por meio da metodologia da História oral.

Observou-se a existência numa sociedade de memórias coletivas tão numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade. Quando elas se integram bem na memória nacional dominante, sua coexistência não coloca problemas, ao contrário das memórias subterrâneas discutidas acima. Fora dos momentos de crise, estas últimas são difíceis de localizar e exigem que se recorra ao instrumento da história oral. Indivíduos e certos grupos podem teimar em venerar justamente aquilo que os enquadramentos de uma memória coletiva em um nível mais global se esforçam por minimizar ou eliminar. Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revel um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais. (POLLAK, 1989, p. 10)

As memórias coletivas é um número muito elevado em relação com as unidades que compõem a sociedade. Para a localização desses grupos quando não há crise é muito difícil o acesso a eles, por isso que recorrem e utilizam a História oral para o procedimento de colherem os depoimentos por meio das memórias individuais e coletivas. Assim, as memórias coletivas passam por três etapas que são as construções, desconstruções e reconstruções. Agora, as memórias individuais tendem a controlar os sentimentos do passado por meio das imagens e lembranças pessoais.

Os depoimentos utilizados pela metodologia da História oral por meio das memórias individuais, para alguns podem ser vagos e fantasiosos por acharem que esses tipos de depoimentos não tenham credibilidade.

Para alguns historiadores tradicionais, os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual que, às vezes, pode ser falível e fantasiosa. No entanto, em História Oral o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Neste sentido, é importante resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. Por outro lado, a subjetividade está presente em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais. O que interessa em História Oral é saber por que o entrevistado foi seletivo ou omissivo, pois esta seletividade tem o seu significado. Além disso, a noção de que o documento escrito possui um valor hierárquico superior a outros tipos de fonte vem sendo sistematicamente contestada, em um século marcado por um avanço sem precedentes nas tecnologias de comunicação. (FREITAS, 2006, p. 67)

Os historiadores tradicionais, vêem os depoimentos orais como fontes subjetivas, fontes que não convêm a ser analisadas, pois não traz nenhuma credibilidade, e, que esses depoimentos podem ser falíveis e fantasiosos. Mas, em seguida a autora faz uma crítica a esses autores conservadores, ao relacionar que o depoente da História oral é considerado como um agente histórico muito importante que relata as suas próprias experiências vividas em acontecimentos dos quais participaram. E, que as subjetividades estão inseridas em fontes históricas orais, escritas ou visuais, e o mais importante é o entrevistado ser verdadeiro e omissivo em sua entrevista. Destaca-se também que o documento é extremamente importante, e que das outras fontes é o mais valioso, em uma geração onde a tecnologia de comunicações teve avanços extraordinários.

No capítulo seguinte, nós fizemos uma breve revisão sobre o tema da história da homossexualidade em Mato Grosso (1960/1980), para ter noção de quantos autores permearam nesta mesma linha de pesquisa. Nos bancos de dados de dissertações e teses da capes e scielo, não obtivemos nenhum resultado. Desse modo, resolvemos buscar outro tema relacionado à história da homossexualidade (1970), encontramos na capes a dissertação de Sandro José da Silva: “Quando ser gay era uma novidade: Aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. 2011, UFRP”.

Desse modo, resolvemos também fazer um levantamento com o tema da homossexualidade na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na

unidade de Paranaíba/MS do curso de pedagogia. Desta maneira, encontramos somente um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), relacionado ao tema “A homossexualidade no âmbito escolar” Lilian Poloni Corrêa (2007), que relata esclarecimentos sobre a homossexualidade no âmbito escolar.

2 SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE: HISTÓRIA E TRATAMENTOS FORA E DENTRO DAS ESCOLAS.

2. 1. Movimento homossexual no Brasil: notas introdutórias.

No Brasil, podemos considerar uma novidade os estudos que são relacionados à homossexualidade, pois essa temática ainda é raramente pesquisada e discutida. Porém, é na metade da década de 1970 que se inicia o movimento homossexual no Brasil, no intuito de dar voz a minoria e de reivindicar os seus direitos de liberdade ao expressar a sua orientação sexual.

Neste sentido, Regina Facchini, em seu artigo que foi escrito a partir da pesquisa realizada para a sua dissertação (Mestrado em Antropologia Social), que foi publicado no “Cadernos AEL” sobre “Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico”, discorre sobre este período:

O movimento homossexual tem seu surgimento no Brasil, registrado pela bibliografia sobre o tema, na segunda metade dos anos 1970. O termo movimento homossexual é aqui entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento. (FACCHINI, 2003, p. 84)

O movimento homossexual quando surge no Brasil nos meados da década de 1970, tem como objetivo lutar pelos seus direitos de igualdades ao expor livremente a sua orientação sexual. Conscientizar as pessoas por meio de políticas, mídias e veículos de comunicação que os homossexuais são humanos e devem ser respeitados. Conforme Facchini (2003), podemos destacar este período que se inicia na metade da década de 1970 e encerra na metade dos anos 1980, como a primeira fase do movimento homossexual no Brasil, pois neste momento surge a doença AIDS, conhecida como “peste gay”, em que o movimento homossexual perde a força na luta contra os preconceitos, durante esta fase do fim da década de 1980 não há registro, por ser pouco estudado.

2. 2. Revisitando as pesquisas em educação sobre a história da homossexualidade (1960/1970).

A dissertação do autor SILVA, Sandro José da: “Quando ser gay era uma novidade: Aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. (2011), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRP)”, tem como objetivo uma reflexão histórica a respeito da homossexualidade masculina no município de Recife na década de 1970. O relacionamento entre duas pessoas do mesmo sexo no decorrer da história, sempre foram taxados como gays. Observamos que, o gay desperta curiosidades no Estado do Pernambuco.

Conforme, me o autor, a imprensa neste período, não tinha o conhecimento de como empregar esta palavra. Já que os empregavam vários adjetivos impróprios como bonecas, viado, bichas, macho-fêmea e outros. Desse modo, esses discursos davam uma nova identidade ao homossexual.

Atualmente, percebemos que a mídia está a usar os meios de comunicações para discutir a respeito do tema da homossexualidade. Seja ela para criticar ou apoiar o relacionamento entre duas pessoas do mesmo sexo, embora sabemos que ainda vivemos em uma sociedade, que em sua grande maioria é conservadora e não aceitam a união de casais homossexuais, pois para essas pessoas é defendido o relacionamento entre casais heterossexuais.

Porém, a mídia ainda traz a imagem do gay como um ser alegre, extrovertido, alto-astrol, escandaloso, divertido e outros. Desta forma, o gay ainda é reconhecido na sociedade como viado, bicha, baitola, macho-fêmea, boneca entre outros adjetivos. Mas será que os homossexuais se consideram realmente gays? Pois essas imagens que os meios de comunicação usam para representar os gays, não podem mais serem generalizadas desta forma, porque da grande maioria dos homossexuais não se consideram e nem aceitam que a imprensa os expõem dessa maneira.

Contudo, por mais que a imprensa não saiba definir ou representar a imagem do gay ou do homossexual. Talvez de uma maneira equivocada, a mídia quis discutir, ou até mesmo quebrar esse tabu que gira em torno da homossexualidade, para que a sociedade tenha mais conhecimento sobre esse assunto, que muitos preferem evitar em mencioná-lo. Sabemos que além das redes sociais, mídias e movimentos gays, a escola seria um ótimo lugar para dialogar com as crianças sobre o tema da homossexualidade, mas será que os profissionais da educação estariam preparados para

lidar com essa discussão? Será que os responsáveis por esses alunos aceitariam abordagem deste tema em vigor? Pois bem, atualmente nas escolas a diversidade não é discutida por trazer constrangimentos para alguns, mas é por meio da educação que formaremos pensadores de opiniões.

2. 3. Revisitando as pesquisas sobre a homossexualidade relacionado à educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba.

O intuito desta revisita foi para fazer o levantamento de quantos trabalhos acadêmicos, ou seja, quantas monografias da “Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)” unidade de Paranaíba do curso de pedagogia foram feitas ao abordar o tema da homossexualidade. Depois das buscas, obtivemos somente um resultado relacionado a temática sugerida, o qual vamos discutir a seguir.

A Lílian Poloni Corrêa, intensificou a sua pesquisa sobre “A homossexualidade no âmbito escolar” (2007), este trabalho tem por objetivo levar aos leitores o conhecimento a respeito da homossexualidade no âmbito escolar. Desta forma, a autora procura esclarecer ou informar principalmente aos profissionais da educação como lidar com a sexualidade durante a discussão do tema com seus alunos sem que haja o preconceito.

O texto de Corrêa (2007) precisa ser analisado com mais profundidade, pois o tema “homossexualidade e escola” é amplo e merece mais cuidado científico. Sabemos que o homossexual tem o mesmo direito de qualquer outra pessoa, dependente da sua orientação sexual.

2. 4. O primeiro ato à sexualidade.

Corrêa (2007), intensifica em seu trabalho sobre “A homossexualidade e Freud” esclarece que o primeiro ato de sexualidade se aflora desde bebê, isso pode até parecer inacreditável, mas a autora assevera:

Quando a criança nasce sua primeira expressão da sexualidade é o ato de “chuchar”, ou seja, sugar o leite materno, e durante o seu crescimento vão surgindo outros atos relacionados à sexualidade sejam inatos ou não, e até então quebra se a ficção de que a sexualidade é despertada somente na

puberdade[...]. A sexualidade infantil é inerente a todas as crianças, mas a sua manifestação será particular a cada uma. Cabe aos adultos conhecê-la, respeitá-la e conduzi-la adequadamente, sem estimular e sem reprimir. (CORRÊA, 2007, p 15)

Deste modo, podemos perceber que o simples gesto do bebê mamar o leite diretamente dos seios da mãe, é uma forma de expressar a sua primeira sexualidade. Mas, poderão surgir outras formas relacionadas à sexualidade que serão afloradas durante o desenvolvimento da criança. Notamos também um equívoco ao pensarmos que a sexualidade é iniciada na adolescência, pois esses atos surgiram já com o crescimento da criança. A sexualidade infantil é expressada e particularizada por cada criança, cabe aos adultos que estão à sua volta respeitar e não interferir neste momento. Neste sentido, CORRÊA (2007, p. 16) assevera: “Cabe a nós, educadores observarmos as brincadeiras que as crianças fazem, elas não são prejudiciais, mas podem chegar a um limite que os pais não irão aceitar”. As crianças são muito curiosas, principalmente ao brincar.

2. 5. A discussão sobre a homossexualidade no âmbito escolar.

Corrêa (2007), discorre no terceiro capítulo de seu texto sobre “Homossexualidade no âmbito escolar”. Na maioria das vezes alguns professores têm o receio de abordarem com seus alunos temas relacionados a sexualidade, principalmente ao citar a homossexualidade.

No âmbito escolar a homossexualidade nem sequer é mencionada, de tanto constrangimento que causa entre os educadores diante das crianças curiosas, isso ocorre devido a má informação e formação. A escola também não faz a sua parte excluindo o tema homossexualidade do currículo escolar; a iniciativa deveria partir dos educadores para que esclareça os questionamentos dos alunos e utilize em suas pesquisas como um meio norteador os Parâmetros Curriculares Nacionais, mantendo-se informados de seus limites e quais os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. (CORRÊA, 2007, p 11)

Esse tema não é mencionado nas escolas por causa da falta de informações e formação dos educadores, mas a escola também não fica atrás ao excluir esse tema do currículo escolar. Cabe aos professores questionarem sobre os conteúdos trabalhados em suas disciplinas. Desse modo, percebemos que os profissionais da educação se

sentem constrangidos ao lidar com este assunto devido à pouca formação a respeito da diversidade.

Uma necessidade importante é que a educação sexual se inicie na educação infantil e que se tenha uma boa formação para o educador desde o início até a sua formação continuada, pois as informações nunca acabam e sempre existem novas informações e novas formas de combater o preconceito. (CORRÊA, 2007, p 22)

No entanto, é necessário que a educação sexual comece a ser discutida desde a educação infantil, mas para abordar esse tema o pedagogo necessitará de uma excelente formação. O educador não conseguirá debater o tema da homossexualidade com seus alunos somente com o que aprendeu durante o seu curso, é importante este profissional ter uma formação continuada relacionada a esse tema. Existem sempre novas informações para lidar com o preconceito.

Na educação infantil, algumas brincadeiras são determinadas para os meninos e outras para meninas, sem citar nas cores que separam e diferenciam os sexos. Muitas vezes, os pedagogos não têm consciência de como essas atitudes são internalizadas nas crianças, por falta do conhecimento adequado sobre a sexualidade.

O professor de educação infantil vai guiando, mesmo que inconscientemente, as normas de condutas das crianças e elas são incapazes de criticar, aceitando os valores impostos pela sociedade. Exemplo disso que ocorre em sala de aula são as brincadeiras. As meninas têm que brincar com bonecas e é errado elas brincarem de carrinhos, ou o menino tem que brincar de bola e não de boneca. A cor já é predefinida: as meninas são de rosa e os meninos de azul; caso haja inversão das cores é errado. (CORRÊA, 2007, p 23)

As crianças não são capazes de terem a sua própria opinião a respeito dos valores que a sociedade impõe ao determinar que o menino deve brincar com brinquedos de meninos como os carrinhos e as bolas. Já a menina deve brincar com os brinquedos de meninas como as bonecas, jamais poderá haver a troca entre os brinquedos. Como se houvesse destinado os brinquedos dos meninos e os das meninas, e nenhum pode brincar com o do outro, pois isto é errado. Desta forma, a autora assevera:

Os professores devem evitar emitir os próprios valores e opiniões como verdade absoluta, mas não ficará de fora a sua opinião, pois deve ser capaz de mostrar que existem outras manifestações além da sua deixando em aberto o leque de opiniões para que o aluno decida por si mesmo em que ele acredita e escolhe como a sua verdade. Esclarecer os limites também faz parte do orientador ele deve mencionar algumas questões importantes como o que se pode fazer em local público e privado para que sua intimidade seja preservada. Isso cabe principalmente às crianças que ainda não tem noção bem definida. Falar sobre a aprovação de brincadeiras sexuais do consentimento do outro, é muito importante e explicar que certas brincadeiras não devem ser feitas entre crianças e adultos ou entre crianças e adolescente conservando sua integridade sem abusos ou violências. (CORRÊA, 2007, p 25)

Desta maneira, os profissionais da educação além de terem a sua opinião formada a respeito do assunto, nunca deverão passar para seus alunos uma verdade absoluta, pois deverão formar alunos críticos ao mencionar que existem outras opiniões a serem discutidas e que nunca existirá somente uma verdade. Assim os alunos ficarão livres para refletirem. Os professores também devem alertar para suas crianças que existem determinadas brincadeiras que podem prejudicá-las, tais brincadeiras que poderão trazer transtornos sexuais com crianças e adolescentes.

Não podemos responsabilizar somente os professores para discutir o assunto da sexualidade com as crianças, mas a família também deve fazer a sua parte. Neste sentido, Corrêa (2007, p. 25) discorre: “Deve existir também uma efetiva parceria, ou seja, os pais não devem delegar e restringir este assunto apenas no âmbito escolar”. Assim, os pais juntamente com a escola contribuirão com a formação desta criança, pois a parceria entre pais e professores são fundamentais para a conscientização das crianças.

O dever da escola é informar e discutir diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando esclarecer os dois lados da situação para que o aluno não só conheça um lado e se apegue aquela situação como verdade absoluta. O essencial aqui é adicionar ao que a criança já sabe em relação ao assunto, criando oportunidade para que ela expresse sua opinião sobre o que está sendo discutido em sala de aula. (CORRÊA, 2007, p 28)

Cabe as instituições discutirem os principais temas que envolvem a sociedade, mas em um sentido mais amplo, levando em conta que há dois lados para serem analisados. Desse modo, a criança expõe sua opinião no que foi alavancado dentro da sala de aula.

2. 6. Os direitos dos homossexuais devem ser respeitados.

No quarto capítulo Corrêa (2007) discorre em seu texto sobre “Homossexuais e seus direitos”. O indivíduo é livre para expressar a sua orientação sexual, ao ter relações com pessoas do mesmo sexo. Desse modo, contribui:

A identificação da orientação sexual está condicionada à identificação do sexo da pessoa escolhida e relação a quem escolhe, e tal escolha que não pode ser alvo de tratamento diferenciado. Quando um indivíduo escolhe o outro, mesmo que seja do mesmo sexo, está exercendo a sua liberdade. Se todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, aí está incluída é claro a opção sexual que se tem. (CORRÊA, 2007, p 29)

Atualmente, que na maioria dos indivíduos que relacionam com pessoas do mesmo sexo já sofreram discriminações de homofóbicos, podemos assim então concluir que o direito que este indivíduo tem de expor o seu relacionamento com a pessoa do mesmo sexo, de fato não acontece. Desta maneira, sua liberdade não é exercida como deveria ser, sem nenhuma diferenciação.

Deveríamos combater contra a homofobia, muitas vezes os professores instigam os alunos a serem preconceituosos. A escola é o lugar ideal para que haja a discussão e opiniões de ideias para que futuramente não possa ocorrer intolerâncias e violências contra os homossexuais.

A escola é uma instituição onde ao invés de lutar contra o preconceito, discriminação, ela é a geradora. Isso pode ser facilmente percebido nas falas e atitudes e ideias de todo o corpo docente da escola que expressa e passa todos os seus valores para as crianças. E devido a isso as crianças, jovens e adolescentes em boa parte não gostariam de estudar ou conviver com homossexuais. Quando existe essa pessoa ao seu lado, as atitudes tomadas são sempre atos de violência e extrema intolerância provocando atritos entre si, sendo que os professores muitas vezes favorecem essas atitudes e não ajudam no combate à violência e a homofobia. (CORRÊA, 2007, p 32)

Muitas vezes, são os professores, os responsáveis pela discriminação que os alunos têm em relação aos homossexuais. Os alunos podem perceber o preconceito durante as falas dos educadores, expressando às vezes intolerância à homossexualidade, sem nenhum respeito. Devido a estes gestos que os profissionais da educação transmitem, podem gerar nos alunos atitudes equivocadas em relação aos homossexuais como o desrespeito, violência, homofobia e outros.

Dessa maneira, assevera que:

O ideal seria os professores estarem preparados para fazerem debates e tirar dúvidas referentes à homossexualidade, assim como outra matéria, não só na área biológica, mas também trabalhar os sentimentos, as opiniões, combatendo o preconceito e a homofobia; é nas escolas que o combate deve começar. (CORRÊA, 2007, p 34)

A escola tem o papel fundamental nas discussões sobre a diversidade para conscientizar seus alunos. Mas, para contribuir com a formação dos alunos, os professores procuram estar atentos a essas temáticas, tendo sempre uma formação contínua, pois haverá vários assuntos novos que podem ser discutidos por meio do conhecimento que será agregado a todos. Os professores têm que serem críticos, porque eles são formadores de opiniões, e os alunos procurarão por si próprio analisarem em o que acreditam, o educador deverá mostrá-los os possíveis lados que existem em uma informação, pois esta não pode ser a única verdade.

Cabe aos profissionais da educação manterem uma parceria com os responsáveis dos alunos, para que estes assuntos possam se abrangerem fora do âmbito escolar. Porque os pais devem também conversar com seus filhos sobre a sexualidade. Notamos neste trabalho que a sexualidade inicia desde bebê, por isso é fundamental a colaboração dos pais ou responsáveis para que seus filhos se sintam à vontade ao discutir esse assunto sem nenhum transtorno.

Percebemos também neste trabalho que a homossexualidade não é uma doença e nem é contagiosa que passa de um para o outro. Ser homossexual não é uma opção sexual, mas sim uma orientação sexual, porque ninguém opta em ser heterossexual ou homossexual.

Esses conceitos que geram em torno da homossexualidade nos fazem pensar e refletir sobre o assunto. Porque a diversidade existe, e está relacionada a vários assuntos que inclui diretamente a sociedade como os de gêneros, etnias, religiões ou classes sociais. Esses assuntos são riquíssimos e contribuirão na formação dos indivíduos, mas podemos perceber que o principal lugar onde esses assuntos deveriam ser debatidos e discutidos realmente não são. Por falta às vezes de conhecimento, ou simplesmente por escolherem uma ideologia e se esquivarem do assunto.

No próximo capítulo iremos transcrever os relatos de vida do senhor Mario Silmo Borges. Esta entrevista foi feita com o auxílio de um gravador na casa do entrevistado em três encontros, o qual relatou sobre a sua infância e escolarização. Estes

depoimentos foram separados em três eixos: minha família, minha escolarização e minha infância.

No momento das entrevistas, o depoente relata um pouco de suas intimidades, mas este não é o objetivo da pesquisa, por isso, para preservar a sua imagem e de terceiros, decidimos então, a não transcrever os depoimentos íntimos do entrevistado, o qual fora solicitado pelo mesmo.

3 INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO: RELATOS DE VIDA DO SENHOR MARIO.

3. 1. História e lembranças da infância e da escolarização.

Esta entrevista ocorreu na casa do entrevistado no período da tarde, neste local encontrava-se três pessoas o entrevistado (Mario), o pesquisador (Samuel) e o orientador do trabalho de pesquisa (Fernando). Ao chegar na casa fomos bem recebidos e nos apresentamos, depois fomos muito bem acomodados na varanda da casa com vista ao jardim, percebemos que o entrevistado é simpático, educado, comunicativo e humilde, gosta muito de plantas.

Separamos em três etapas a história e lembranças da infância, escolarização e da família do senhor Mario. Essas etapas foram cruciais no decorrer das nossas entrevistas, pois o entrevistado relata os momentos importantes que contribuíram para formação de sua história.

3. 2. Minha família.

Eu sou o Mario Silmo Borges, tenho cinquenta e sete anos, nasci em 1958, no município de Paranaíba/MT, sou solteiro e moro sozinho. Minha família não é de Paranaíba/MS, meu pai veio de Minas Gerais, da região de Minas, já minha mãe é do interior de São Paulo, a família dela são da Bahia. Tenho duas irmãs mais velhas, sou o caçula e o único filho homem, minha irmã mais velha já é falecida, a diferença de idade entre um irmão e outro varia em torno de dois anos.

Gostava muito de ir dormir na casa dos meus tios! Quando chegava à noite na hora de dormir, dormíamos juntos, os meus dois primos e eu. Nós brincávamos e pegávamos uns aos outros, as vezes tocávamos e beijávamos, mas nunca fizemos relações sexuais. Meus tios sempre me diziam que os meninos brincam de bola e as meninas de bonecas. Eu tinha um tio que me presenteava com brinquedos de meninos: carrinhos, bolas e aviãozinho. Quando resolvia brincar de bonecas com minhas primas, a minha família não me falava nada, nunca me proibiu e nem me chamava a atenção.

3. 3. Minha escolarização.

Minha mãe quando mudou para Paranaíba, me matriculou na escola José Garcia Leal, depois me transferiu para o Patronato, onde estudei os quatro anos primários. Eu não era aluno interno, mas nesta escola havia mais alunos externos do que

internos. Os padres não ministravam aulas, estudavam meninos e meninas nesta instituição, tínhamos excelentes professores como o professor Ignácio. Lembro-me das minhas primeiras professoras dos quatro anos primários Telma e a Maria Conceição Corrêa, a Telma está viva, mas bem pequena e fraquinha. Nas séries iniciais os meus professores não eram bravos, rigorosos e nem rígidos. Quando eles entravam em sala de aula, tínhamos aquele receio, não ouvia barulho nenhum, era aquele silêncio total. Eu não sei se naquela época a educação que tínhamos em casa, levávamos para à escola. Antigamente não tinha isso que acontece hoje.

No início do antigo primário e atual ensino fundamental I, a professora dava aulas de português, matemática, ciência e história, era somente uma professora para todas as disciplinas. Somente no ginásio que havia um professor para cada disciplina. Ao chegar à escola, a gente entrava e formava fila até a 4ª série do ensino fundamental para cantar o hino nacional e o da independência, isso era rotina, eram todos os dias, mas eu gostava! Atualmente, observo em algumas escolas, que os professores são novos e os alunos são mais velhos. Eles cantam os hinos somente em datas comemorativas.

Antes chegávamos nas escolas e éramos todos uniformizados, nós ficávamos em posição e apresentávamos uma carteirinha, ali eles as olhavam. Chamávamos por número, eu era sempre o quarenta e quatro ou o quarenta e cinco. Quando alguém esquecia a carteirinha em casa, rapidamente era chamado à diretoria. Na mesma hora, chamavam os pais na escola, o aluno era suspenso por três dias, na próxima suspensão o aluno era expulso da escola. Os alunos tinham que saber quem descobriu o Brasil, o dia da comemoração da independência, que eram os ministros e o presidente. A escola era cercada de arames, nem por isso ninguém fugia, hoje as pessoas vão à escola por irem!

Na escola não havia brincadeiras, não podia correr no intervalo. Único momento em que nós fazíamos algo parecido era na educação física em contra turno, mas não considero como brincadeiras. Os materiais didáticos eram comprados pelos pais, o Estado não fornecia nada! Lembro-me que se tivéssemos o pão do café da manhã, comia o pão e iria à escola. Na escola não davam merenda, ficávamos sem comer até na hora do almoço. Não tinha tudo isso que hoje tem, que é dado pelo governo. Eram os pais que compravam os livros, no meu caso, minha mãe juntava o dinheirinho. Porque o meu pai não ligava para essas coisas, se hoje tenho estudo, dou graças à minha mãe! Minha mãe que compravam os livros. Naquele tempo não podia

dividir o caderno em várias disciplinas, era um caderno para cada disciplina, até o final do ano, se acabasse comprava outro, mas não podia dividir com outras disciplinas.

No primário eu tinha um caderno que ficava com a professora direto. Nós copiávamos no caderno e cada dia era uma disciplina. Depois fazíamos uma prova, tinha um bilhete que era dado para minha mãe e meu pai, para depois buscar o caderno na escola. Era um bilhete com as notas. Tinha uma baixa que era dada aos pais, todos os meses, para mim eram os pais que avaliavam os professores. Teve uma vez que tirei zero em matemática e minha mãe me deu uma surra, fez eu subir numa árvore e decorar a tabuada do um ao dez. Ela me dizia: - Não trabalha, só estuda, não vejo o motivo de tirar zero! Na sétima série eu comecei a trabalhar, então estudava à noite.

3. 4. Minha infância.

Na minha infância não tinha separação de brinquedos para homens e mulheres, todos brincavam de bola, queimada, bonecas, carrinhos. Minha mãe nunca deixou nós brincarmos na rua ou na casa dos vizinhos, sempre era dentro de casa. Sempre era nós três irmãos dentro de casa, as vezes iam alguns coleguinhas brincar em casa. Brincávamos de pé-na-lata, esconde-esconde, dar tiro, dava tiro no outro, esconde-esconde. Antigamente nas escolas faziam gincanas, para recardarmos dinheiro, parávamos nas ruas pedindo dinheiro, no intuito de recardarmos fundos para excursão de formatura.

Esta região da cidade era um pântano, ninguém entrava! Naquele tempo não tinha muita diversão, minha mãe era evangélica, ia na igreja, depois quando terminava cedo, minha mãe liberava a gente para irmos à praça. Sentava ali na praça da República, admirávamos a fonte d'água. Olha! Na década de 80 era assim, se as pessoas casassem, a cidade inteira iria ao casamento, era assim antigamente. Não tinha aquele convitinho para marcar presença, não tinha não! Velório era festa para comer biscoito, assim era nessa época.

Eu sempre soube da minha homossexualidade, no primário não diziam “gay”, homossexual essas coisas, chamavam de “bicha”, “macho fêmea” e “mariquinha”. Eu prefiro que me chamem de “bicha”. Havia um colega de sala bonito, fortinho e lindo! Eu sentia algo por ele, queria sempre ficar perto dele, tocar nele!

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao fazer uma reflexão das entrevistas do senhor Mario com os textos lidos, notamos que no tempo de sua escolarização para os dias atuais em relação ao assunto da homossexualidade e o tratamento dado aos alunos sobre esta questão dentro das escolas vem a mudar. Vimos que esses temas a respeito da sexualidade na década de 1960 nas escolas não eram discutidos, as vezes até proibidos ou passava despercebido. Atualmente, nos deparamos com várias questões que impedem esses assuntos de serem trabalhados nas escolas que são: as religiões, a falta de conhecimento dos professores, pais e preconceitos. Essas questões só poderão ser mudadas a partir do momento em que a escola e todos os que estiverem envolvidos nela fizerem uma parceria com os pais ou responsáveis por esses alunos e com toda a comunidade para discutirem esses assuntos, tornar a escola uma instituição amiga e acolhedora para essas crianças. Pois é por meio da educação que formaremos bons cidadãos. A discussão da sexualidade dentro das escolas também é importante para que a criança venha ter uma formação a respeito do assunto, são conhecimentos e informações importantes que muitas vezes a própria família não têm com seus filhos para orientá-los. Então, cabe a escola a repassar essas informações.

As crianças não nascem preconceituosas, mas é o meio que as tornam, notamos muito isto na separação de brinquedos entre meninos e meninas, nas cores estimuladas como o azul para menino e a rosa para a menina, nos julgamentos que são feitos ao ver o menino brincar somente com meninas ou vice-versa, no andado, no jeito de falar e de agir. São nesses simples detalhes ou atos que as crianças diariamente observam os adultos fazerem, com isto, as crianças muitas vezes crescem homofóbicas e com conceitos formados sem fundamentos. Porque elas simplesmente copiam e imitam o que os adultos fazem, por isso, devemos tomar muito cuidado e sermos cautelosos no que falamos e fazemos perto das crianças. Elas são exatamente a reprodução do que somos, e não têm maturidade para discernir as coisas como as vezes um adulto tem.

Observamos que nas falas do depoente durante as entrevistas, quando ele relatava de sua infância, que ele não foi discriminado por ser homossexual, mas sim, ele passou por esta situação de discriminação, quando passou por sua adolescência.

Este trabalho não se conclui, mas deixo em aberto para que os professores, pais, psicólogos e assistente sociais unam-se para a formação dos alunos para que eles

possam se formar cidadãos críticos. Até nos dias de hoje ainda há preconceito em relação ao assunto da homossexualidade dentro das escolas e muitos professores, por falta de conhecimentos, fazem divisões entre o que é de menino e de menina. Às vezes os educadores rotulam as crianças sem ao menos saber que podem prejudicá-las com comentários e atitudes que são enraizados por eles. Procuramos ter mentes abertas e sermos democráticos, pois sempre encontraremos alunos com diversas culturas e etnias que devemos respeitá-las.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena, **História Dentro da História**. (Fontes Históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (org.)- 3. Ed.- São Paulo: 2011.

BORGES, Mario Silmo. **Infância e Escolarização: lembranças de um sujeito homossexual de Paranaíba (1950-1970)**. Paranaíba (MS), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), 17 de set. 2015. Registros para pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Entrevista concedida a Samuel da Silva Fernandes.

CORRÊA, Lílian Poloni, **A homossexualidade no âmbito escolar** / Lília Poloni Corrêa. Paranaíba, MS: [s.n.], 2007.

FACCHINI, Regina. “Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico”. In. GREEN, James; MALUF, Sônia (orgs.). **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**. IFCH/AEL, v. 10, n. 18/19. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003.

FREITAS, Sônia Maria de, **História Oral: possibilidade e procedimentos** / Sônia Maria de Freitas. 2. Ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Khoury. Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez.1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

SHARPE, Jim, **A História Vista de Baixo; A Escrita da história: novas perspectivas** / Peter Burk (org.). Ed. São Paulo – UNESP, 1992.

SILVA, Sandro Jose da. **Quando ser gay era novidade: Aspecto da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1960** / Sandro Jose da Silva. Recife, PE, 2011.

ANEXO

ANEXO A**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS**

Unidade Universitária de Paranaíba/MS

Curso de Pedagogia

Graduando: Samuel da Silva Fernandes

Orientador: Profº Me. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes

CARTA DE SOLICITAÇÃO

Sr. Mario Silmo Borges

Venho por meio desta, solicitar sua colaboração, para o que se segue.

Sou aluno regular do Curso de Pedagogia, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Procuo com meus estudos compreender em **termos históricos**, os relatos de vida de homossexuais: durante a escolarização e infância na década de (1960).

Na fase da pesquisa desencadeada, encontro-me no levantamento das fontes documentais, sendo necessário coletar depoimentos. Sendo assim, posso afirmar que os dados registrados receberão um tratamento científico e ético, não sendo divulgados aleatoriamente, mas de acordo com as normas vigentes da Academia Científica.

Certo de poder contar com sua colaboração, agradeço.

Atenciosamente,

Nome do aluno: Samuel da Silva Fernandes

Paranaíba, 19 de Março, 2015.

ANEXO B**TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITO SOBRE DEPOIMENTO ORAL E IMAGEM**

Cedente: _____

Nacionalidade: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Portador da cédula de identidade (RG) nº _____

A entrevista e as imagens serão gravadas exclusivamente para pesquisa em Licenciatura em educação, vinculada ao programa de Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Declaro ceder sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento e de imagem de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador, Samuel da Silva Fernandes graduando pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

O pesquisador fica autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, os meus depoimentos e imagens, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, sempre consonância com as normas da academia, com a única ressalva de integridade ética, de acordo com as normas da academia, de indicação de fonte e autor. O depoente estabelecerá acordos com o pesquisador para publicar o texto.

Paranaíba/MS, -----, ----- de 2015.

Assinatura do Depoente/Cedente